

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... In Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *Monumento a Pio IX*, por F.—Secção Religiosa: *Sacrificio do Coração de Jesus na eternidade; Glorias da Igreja na Africa portugueza.*—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 77.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *União*, por E. I.; *Congressos*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Bibliographica.—*Retrospecto*, por D.

Gravuras: *Talma; Balões.*



TALMA

MONUMENTO A PIO IX

Ainda ainda na memoria de todos os leitores do *Progresso Catholico* o esforço empregado por uma comissão creada expressamente para levar a termo n'esta cidade a sympathica e tam christã empreza de coroar o topo da pittoresca serra de Sancta Catharina com a estatua magestosa do sempre lembrado Pio IX. Por todo o reino o coração dos portuguezes bateu animado por insolito jubilo, e um vivo entusiasmo evidenciava claramente quanto amor se acha aureolando o nome do venturoso Pontífice.

Cuidou a comissão de dar inicio á obra, dispondo a festa do lançamento da pedra fundamental, á que se dignou presidir o nosso digno Primaz, mas dentro em pouco tamanhos impedimentos se levantaram, que a comissão, impotente para levar a obra além dos alicerces, cruzou os braços e ahí ficou paralyzado, com magua de todos, um empreendimento, cuja objectivação seria mais um perduravel documento legado aos vindouros da vital harmonia. Já tantos seculos estabelecida entre o Portugal fidelissimo e Roma, a cabeça suprema da christandade.

Todavia, Deus tinha lançado olhos benignos á abnegação de tantos corações generosos que se dedicaram a uma obra, indubitavelmente de gloria sua; e onde se manifesta o dedo de Deus, não ha difficuldades que permaneçam de pé.

A obra principiada havia de ser concluida. E é isto por certo mais uma grande benção do céo, digna de gratidão, pelo que em si é, e pelo multissimo que significa. O povo de Guimarães (não receamos repetil o) está sendo objecto de predilecção entre os demais povos: animem-se pois os timidos na cooperação com o Altissimo, que os li dadores com semelhante Mestre vêem seus trabalhos sempre dignamente coroados.

A estatua a Pio IX era obra de Deus, e Elle que dispõe dos corações, elegera para continuador da obra uma alma generosa que sabendo, nas terras brazileiras, elevar-se pela aquisição de bens, não descurou as grandes virtudes da religião que lhe embalara o berço, nem olvidou a sentença do sabio que manda honrar a Deus com a fazenda e dar-lhe as primicias de todos os fructos (1).

Esta alma verdadeiramente, praticamente christã, é o Ex.^{mo} Sr. Fernando de Castro Abreu Magalhães, proximo parente da illustre familia da casa do Santo, de Fafe.

Recentemente vindo a Portugal, quiz

informar-se do andamento da obra em honra do immortal Pio IX. Magoou-se profundamente de que a Penha, gigantesco pedestal de granito, creado pela omnipotencia de Deus para base da veneranda effigie do grande homem do seculo actual, se visse ainda desprovida d'essa justa homenagem do povo portuguez.

Deu pois ordem para que se encomendasse a estatua á sua custa, e saudoso da Penha, cujas bellezas contemplara na infancia, subiu áquella eminencia a admirar mais uma vez os variados, os encantadores panoramas que uma natureza exuberante de vida offerece generosa aos olhos deslumbrados do feliz observador. Uma vez alli, Fernando de Castro, remoçado ao recordar em cada rocha, em cada infesta, em cada ondulação de terreno, as memorias queridas dos primeiros annos, percorreu todos os recantos, subiu a todos os cabeços, sondou todas as grutas, e uma lá se lhe deparou á semilhança da abençoada anfractuosidade de Masabielle, nas margens do Gave, onde pouco tempo antes Fernando de Castro se recolhera diante da formosa estatua de Fabisch, delineada sob as indicações rigorosas de Bernadette, e logo sentiu a inspiração de sanctificar aquella montanha com uma estatua de Nossa Senhora de Lourdes!

Foi idéa celeste! moção vigorosa do Espirito Sancto!

Ao lado da IMMACULADA, o Pontífice que tal a declarou, *urbi et orbi*, em 8 de dezembro de 1854!

O sanctuario de Lourdes, producto da dedicação do mundo inteiro, ostenta no seu frontispicio magestoso um medalhão de Pio IX. A Penha ostentará tambem, guardadas as proporções, a Mãe intemerata e o filho que mereceu a honra de entretecer na sua coroa o mais brilhante florão.

Uma comissão importante, composta de gente activa e séria, os srs. Manuel José Teixeira, José Joaquim Gomes da Silva, Francisco Gonçalves Moreira, Rodrigo de Sousa Macedo e Francisco Joaquim da Costa Magalhães, trabalha com inexcédível zelo em adeantar o pedestal e obras accessorias, e recolher donativos para ellas, os quaes podem ser entregues ao digno thesoureiro da comissão, o sr. Francisco J. da Costa Magalhães, residente no Campo do Toural, infatigavel sempre em remover quaesquer obstaculos que retardem o acabamento da obra, e de cofre aberto a adeantar quantas despezas sejam necessarias.

Ambas as estatuas são de marmore de Carrara. A de Pio IX mede quatro metros, a da Santa Virgem de Lourdes terá um tanto mais que a altura natural.

A dedicação consagrada a um assumpto, tanto do coração e da alma de todos, tem-se tam prodigiosamente manifestado, que já no proximo julho se intenta inaugurar a imagem de Nossa Senhora de Lourdes e em setembro a do inolvidavel Pio IX.

Assenta esta sobre um morro de elegante penedia, tendo na base a gruta de Lourdes, e ligada uma a outra obra por escadaria de quatro metros, em declivio suave, proporcionando um passeio assás extenso, por sitio tam caprichosamente bello, mais uma prova le não invejar Portugal ás demais nações nenhuma das bellezas naturaes com que ellas se invaidecem.

O orçamento das estatuas é de cerca de cinco contos, e dois contos as obras adjacentes, nas quaes trabalham activamente trinta e tantas pessoas.

Concluido este grande melhoramento, ficará a poetica serra ponto forçado de visita a todo o forasteiro, onde poderá estudar que emfim, após um longo intrevalllo, se levantou no berço da monarchia portugueza monumento con-digno a manifestar a vindouros o respeito affectuoso votado por um povo fidelissimo ao centro da christandade.

F.

SECÇÃO RELIGIOSA

Sacrificio do Coração de Jesus na eternidade

Em todo o universo nada ha maior que Jesus Christo; nada maior em Jesus Christo que seu sacrificio; nada maior em seu sacrificio que o ultimo suspiro, o momento precioso em que a alma sanctissima de Jesus se apartou de seu corpo adoravel!

A Paixão de Jesus, a sua immolação no Calvario, a sua morte—consummação de seu sacrificio, eis o mysterio do Filho de Deus, «esse grande sacramento de amor que se manifestou na carne, que foi declarado e justificado pelo Espirito Sancto, revelado aos Anjos, prégado ás nações, accreditado no mundo e por fim ELEVADO NA GLORIA (1).» Este sacrificio devia ser perpetuado, eternisado.

E o foi.

Tal o sacrificio dos altares—a sancta Missa; tal o sacrificio da eternidade.

* * *

«O que nós vemos da hostia com nossos olhos corporaes, que ainda não são regenerados nem espiritualizados, não é a hostia.

(1) I Tim. III, 16.

(1) Prov. III, 9.

«O que nós vemos do sacerdote, não é o sacerdote.

«O que nós vemos, em summa, do templo, do altar, de tudo o que é necessário para o Sacrificio, não é nem o verdadeiro templo, nem o verdadeiro altar.

«E' preciso que a fè, que nos descobre as coisas invisíveis, nos faça procurar e encontrar as que são figuradas pelas coisas visíveis, no Sacrificio.

«Ora para as achar importa elevarmo-nos em espirito até ao seio de Deus, onde o Sacrificio está em completa perfeição!» (1)

Antes, porém, d'esta especie de ascensão á gloria havemos de pensar:

Na Cruz, no altar, nos céos, não ha mais que um sacrificio—o sacrificio de Nosso Senhor Jesus Christo, de Jesus Christo, só e unico sacerdote, de Jesus Christo, só e unica hostia. «Por uma só oblação, o Homem Deus consummou a sanctificação dos justos para a eternidade (2).»

Ha porém tres estados diferentes na oblação do Christo: o primeiro no Calvário, onde a victima foi sanguinolenta; o segundo no altar, onde a victima não é sanguinolenta e se occulta sob signaes figurativos; o terceiro no céu, onde não ha corpo espedaçado, nem sangue, nem signal figurativo.

No céu, é a verdade sem sombra e sem véo, a verdade luminosa e divina, contemplada em si mesma, vista face a face.

Que ha um sacrificio no céu, revelou o Nosso Senhor mesmo a seus discipulos ao instituir a sagrada Eucharistia. «Ardentemente hei desejado comer esta paschoa comvosco antes de padecer, porque, eu vos declaro, não a comerei mais senão no reino de Deus onde ella será consummada (3).

Depois, tomando o calix e distribuindo-o: «Bebei todos porque este é o meu sangue, o sangue d'um testamento novo... E eu vol-o affirmo, não bebereis d'este fructo da vinha antes do dia em que o beba comvosco outra vez no reino de meu Pae (4). D'est'arte prophetisa Jesus uma paschoa eterna, um banquete celestial. A Eucharistia da terra, contendo embora uma realidade adoravel, não é senão um começo. «Não estamos preparados ainda, dizia Sancto Agostinho, para o banquete do Pae.» A conclusão está de reserva para a eternidade feliz.

O Apostolo na sua divina epistola aos hebreus, escreveu ácerca do sacer-

docio indefectivel de Nosso Senhor e de seu sacrificio no ceo em termos admiraveis: «Nós temos um grande sacerdote, diz elle, que penetrou os céos, Jesus, Filho do Eterno. Elle entrou até ao sanctuario que fica por detraz do véo, até ao Sancto dos Sanctos, e alli entrou por nós, como um percursor, tendo sido feito Sacerdote segundo a ordem de Melchisedech...» Successivamente houve, outr'ora, sacerdotes, que pela morte já não existem; Jesus porém existe eternamente e seu sacerdocio é eterno como elle. E' tam excelso o nosso Pontífice, que se assenta á direita do throno da eterna Grandeza, no mais alto dos céos, ministro do divino sanctuario, do tabernaculo que não é obra do homem, mas de Deus. Ora, todo o pontífice tem por missão offerlar victimas e dons. E' pois necessario que Jesus tenha que offerrecer. Pontífice dos bens futuros, foi por seu proprio sangue que entrou no Sancto dos Sanctos, adquirindo uma redempção eterna, e está agora, para mediação nosso, deante da face de Deus. (1)

Não podia esta lição do apostolo ser mais solemne nem mais luminosa: Jesus, Filho de Deus, é o sacerdote eterno; no ceo continua o exercicio de seu sacerdocio e offerece alli por todo o sempre o seu sacrificio.

Mas em que hora de sua vida terrestre foi o Verbo incarnado feito sacerdote eterno? «Nos sacrificios da antiga lei, diz Mons. Olier, immolada a hostia, collocada sobre o altar, esperava a clarificação, isto é, essa luz em que entrara ao passar á natureza de fogo que a consumia. Assim, Nosso Senhor, immolado e degolado sobre a Cruz, foi deposto no tumulo, e alli, como a hostia sobre o altar, aguardava que o fogo divino, isto é, Deus Pae descesse ao sepulcro para fazer passar sua Hostia á natureza de luz e de gloria.»

«Parecia me ver, o Eterno Padre abraçando seu Filho, estendido no tumulo, cercado de gloria, tomando-o nos braços, unindo-o ao peito, enlaçando a alma e o corpo, e aquecendo-os no seio de sua gloria. Via-o a consumir o que em Jesus Christo havia de seu estado inferno, dando-lhe, nas estranhas do tumulo, uma vida de gloria em troca da vida de enfermidade herdada de David; fazendo-o emfim passar do estado de hostia sacrificada pelo peccado ao de hostia de louvor pela clarificação da carne e da alma de Jesus Christo, solida, verdadeira, real e substancial.

Clarificação de carne! Que vem isto a dizer senão que a gloria apaga, absorve, aniquilla quanto ainda em Jesus

havia de terreno, de desfigurado, de inferno. O mesmo Senhor em sua ultima ceia tinha pedido ao Eterno Pae esta clarificação e ella foi communicada á sua humanidade d'um modo inexplicavel. Não buscarei descrever as glorias da Resurreição e menos os esplendores da Ascensão. Fôra querer fallar d'uma linguagem para mim desconhecida.

Na gloria de sua Resurreição é que Nosso Senhor foi consagrado victima eterna, e simultaneamente sacerdote por toda eternidade.

Onde é, porém, o templo do divino sacerdote? No seio de Deus, no abysmo infinito da substancia de Deus. A não ser o seio do Pae, nenhum logar ha digno de Jesus Christo. «Eu não vi templo na cidade, affirmo S. João. O templo é o Senhor Deus Omnipotente. (1)

Onde é o altar? E' a pessoa mesma do Verbo incarnado. Assim nol-o diz a Santa Igreja n'um dos seus ritos mais solemnes, na ordenação dos subdiaconos. Que diz o Bispo no momento de ordenar os novos levitas? «Attendei bem, filhos muito amados, á excellencia do ministerio que vos é confiado. Procedei de sorte que ao cumprir desveladamente as funcções visíveis de vosso ministerio, exerciteis ao mesmo tempo o ministerio invisivel que ellas representam, porque o altar da Santa Igreja é Jesus Christo mesmo, conforme S. João, que no seu Apocalypse testimunha ter visto deante do throno um altar de ouro sobre o qual e pelo qual as oblações dos fleis são consagradas a Deus (2).

Sim, ó Jesus, sois vós esse altar sublime (3) para o qual todas as manhãs sobem de nossos a.tares terrenos tantas adorações e orações.

Sim, sois vós ainda o sacerdote e com razão o vosso Apostolo vos appellidou o «Sacrificio do céu» (4). Eu vos contemplo, ó sacerdote eterno, «ó pontífice santo, innocente, immaculado (5), eu vos contemplo revestido da tunica dealbada no vosso proprio sangue e da estola da immortalidade; (6) como um manipulo de gloria, eu vos vejo portanto em vosso braço myriades de almas. (7).

Ides fazer vossa oblação, ó grande Sacerdote, ó Pontífice soberano. Que podeis vós offerrecer a Deus? Ah vossa offerenda não foi consummada sobre a terra; principiou apenas para ser continuada no céu onde só ha a perfeição do

(1) Apoc. XXI, 22.

(2) Pontif. Rom.

(3) Canon da Missa.

(4) Hebr. VIII, 2.

(5) Heb. VIII, 26.

(6) Orações liturgicas.

(7) Ps. CXXV, 6. Portantes manipulos suos.

(1) P. de Condren.

(2) Hebr. X, 14.

(3) Luc. XXII, 16.

(4) Dico vobis: Non bibam amodo de hoc genuine vitis usque in diem illum, cum illud bibam vobiscum novum in regno Patris mei. MATTH. XXVII, 27-29.

(1) HEBR. IV—IX.

sacrifício. Na cruz foi vertido todo o vosso sangue para, ó celeste sacerdote, immolação a Deus no dia sem fim dos seculos eternos. Consentistes fosse aberto o vosso coração para que Deus, eternamente, contemplasse a ferida do amor! Assim o creio, pois que eternamente, ó divina hostia, vos conservais em estado de immolação. S. João viu sob a forma d'um cordeiro que parecia degolado, (1) e outra vez coberto com uma vestidura insanguentada (2). Certo não é um sacrifício como na cruz ou no altar: a immolação não é actual, já não corre o sangue; mas Jesus conserva ainda os estigmas sagrados de sua Paixão.

Não vêdes as refulgentes cicatrizes dos pés e das mãos? Oh! que bellos raios despede na eternidade a chaga do Sagrado Coração! Todo o céu se acha illuminado por elles (3).

E' pois verdade que novamente vos encontraremos no seio do Pae, ó nossa victima querida, nossa hostia sancta! Eternamente um fogo vos consumirá como um holocausto, um Fogo, que é o Espirito do Pae e do Filho, o Fogo do amor. Hostia flammejante, Hostia abrazada, sois a ineffavel belleza do céu. Que digo? sois a sua communhão, o seu banquete perenne.

O mesmo pão dos Anjos que nos alimenta agora sob os véos sagrados, nos ha de nutrir então sem o menor signal de véo; (4) o mesmo Deus, o mesmo Jesus; não já momentaneamente, porém sempre; não com as sombras da fe, mas com as luzes da visão; não com as enfermidades d'um coração miseravel, mas, na plenitude do amor.—Será meu pão o Verbo mesmo em toda a pureza de seus raios luminosos; minha bebida esse vinho novo de que o Christo disse que beberia connosco no céu, por que esse vinho será a substancia mesma de Deus, ingerida continuamente em nós para nos transfigurarmos (5). Sim, «todo o céu communga a Jesus, hostia do Pae; alimenta-se d'elle, e esse alimento é sua eterna e indefectivel vida. Maria communga a seu Filho, e d'elle recebe toda a felicidade e toda a gloria. Os Anjos commungam a Jesus, e todos os predestinados se assentam a essa meza divina e se nutrem d'esta carne. (6)». E' o festim de que falam as Escripturas e os Sanctos Doutores: «Bem-aventurados, dissera S. João, os que são chamados á grande ceia das nupcias do Cordeiro! (7)»—«Um dia—é Sancto

Agostinho quem fala—não mais tere-mos o sacramento do altar, não mais tere-mos a Escriptura Sancta... E' o Verbo que nós veremos, é o Verbo que nós ouviremos, é do Verbo que nos hemos de alimentar, é o Verbo que hade ser nossa bebida (1)». «No céu, diz a seu turno S. Bernardo, o Verbo é o manjar que nutre a alma... Possuo o Verbo cá na terra, mas é na carne; possuo-o na realidade, porém no Sacramento. Ao Anjo vem-lhe a nutrição da flor do pão; come-o na sua pureza, e eu, hei de contentar-me durante a vida presente, da casca do sacramento; toca-me o farelo, não ainda a farinha pura... Sem duvida o espirito vivifica todas essas coisas, mas embora sua abundancia e unção, é absolutamente impossivel achar a mesma doçura na crosta e na farinha da mais apurada finura, na fé e na visão, na imagem e no original, na forma de escravo tomada por Christo e no seu verdadeiro esplendor... Importa-nos pois subir da terra ao céu, da carne eucharistica ao Verbo Sabedoria, ao Verbo Justiça, ao Verbo Verdade, ao Verbo Sanctidade (2)». O Deus, exclama Sancto Thomaz, eu vos rogo me façais admitir, a mim peccador, a essa refeição ineffavel, onde, com vosso Filho e o Espirito Sancto, resaciamos plenamente a vossos eleitos e lhes sois inteira beatitude. (3) O' religião do céu! ó communhão eternal! Toda a religião da terra, e todas as missas e todas as communhões, mais não são que preparativos, umas vespersas, a iniciação á religião da eternidade.

Na terra e no céu, a palavra ultima é—COMMUNHÃO! «Que sejam um!» (4) A communhão é a união, é a fusão dos corações. *Cor unum!* (5) Aquelle que recebe a Jesus Christo em communhão pelo divino sacramento da Eucharistia, nada mais tem que desejar sobre a terra. Para elle, tudo está consummado. Só lhe resta *passar* ao céu, por que a *passagem* da terra foi terminada; a Paschoa está feita n'este mundo, é preciso esperar a que Jesus promete no céu: é o ultimo esforço do amor. A demais d'isso, nada; sim, minha alma, nada; nada depois de Jesus e o coroação de Jesus em communhão com o meu coração (6). A demais d'isso é o céu, é a communhão no céu!

Glorias da Egreja na Africa portugueza

JÁ por mais que uma vez nos temos referido á florescente missão da Huilla, fundada ha dez annos pelos benemeritos padres do Espirito Sancto, no sertão de Angola, a sessenta leguas da costa (1).

Muito ao longe do centro da missão, arrostando com perigos de toda a ordem, levam os intrepidos missionarios o suave influxo das virtudes evangelicas, arrancando aquelles povos d'uma rudeza de feras para os doces costumes das doutrinas do Salvador.

E' grande a dedicação d'esses homens.

Quantos d'elles abandonam as delicias, a tranquillidade, a vida commoda da sua patria, para expôr seus dias a perigos de toda a especie, a provações tam duras, que parece incrivel as supportem homens?

Que procuram esses luctadores indefessos, esses *ambiciosos insaciaveis*?

Procuram a gloria? Não: a maior parte d'elles acham uma sepultura rasa n'um sertão ignorado, sem um nome que lembre á posteridade ter-se alli fundado um civilizador, um amigo da humanidade. Procuram a riqueza? Menos ainda: cada apostolo d'estes fez voto de nada ter de seu, e se é rico, é da fé inabalavel no seu Deus.

Que procuram pois? As almas, sim as almas. Em presença da Incarnação e da Morte do Filho de Deus, conheceram-lhes o valor, e lá caminham por todo o orbe em demanda d'essas margaritas tam estremadamente preciosas que atrahiram a propria Divindade a este mundo de miserias.

A carta seguinte, que o R.º Padre Muraton, membro da missão portugueza da Huilla, dirigiu a um bemfeitor que resgatou um menino pagão, dá-vos, piedosas leitoras e dignos leitores, uma pagina dos factos heroicos d'aquelles padres.

«Cumpriram-se os desejos de V. Ex.ª, escreve o R.º Muraton, com o resgate d'um menino de 5 annos, natural da Ovampia.

«E' jovial e não pouco traquinas.

«Narra que seu pae fora morto defendendo a casa e a liberdade, seu avô queimado vivo na cabana ao estridor dos gritos de alegria dos vencedores, e sua mãe, irmãos e irmãs, captivos como elle, dispersos por varias partes.

«A elle, trouxe-o cá o seu bom Anjo, e outro o libertou com a esmola do resgate.

«Graças a V. Ex.ª já agora achou

(1) Apoc. V, 6.

(2) Id. XIX, 13.

(3) Apoc. XXI, 23.

(4) Concil. Trid. sess. XIII, cap. 8.

(5) Mons. Laudriot—*L'Eucharistie*.

(6) Padre Giraud.

(7) Apoc. XIX, 9 e 17.

(1) Serm. 57, n. 7.

(2) *In Cant. Serm.* 33, n. 2-3.

(3) *Missal Rom. Oratio S. Thom.*

(4) Joak. XVIII, 11.

(5) Act. IV, 32.

(6) Baudry—*Le Cœur de Jesus*.

(1) Vid. «Progresso Catholico» — anno XIII, p. 81, 55, 68, 183.

nova familia e, o que mais vale, no santo dia de Paschoa, veiu a ser filho de Deus pelo baptismo, servindo eu de padrinho, como representante de V. Ex.^a. Ser-nos-á de futuro conhecido pelo nome de José Alfredo.

«Assaz pequeno e pouco assisado ainda para votar-se ao trabalho, passa o tempo no terraço da casa, divertindo-se alegremente com uma duzia dos de seu tamanho, entregue a mil brincuequedos proprios da sua idade e condição... (1).

«Se fossem maiores nossos recursos quantos infelizes não libertariamos da escravidão! Verdade é que no territorio do Real Padroado não existe essa chaga do continente negro senão por contrabando; mas não succede o mesmo na Ovampia. Ali o homem é moeda corrente, objecto d'escambo por bois, espingardas e artigos de todo o genero. E' por isso que á innumera multidão de victimas se arrebatam annualmente a liberdade e com ella não poucas vezes a propria vida. Conheço uma localidade onde se vendem cada anno para cima de 200 creanças e o mesmo se pratica em toda a parte, quicá em maior escala. A pouca distancia da missão para o interior habitam os Waganguellas que, não contentes de reduzir o homem á escravidão, fazem da carne humana atroz repasto. Em cada uma de suas festas (que não são poucas) são degolados, lacerados, assados e comidos, em meio de danças e cantos de alegria, bom numero de infelizes, creanças sobretudo, para esse fim zelosamente engordadas. Temos na missão algumas creanças salvas como por milagre d'esse tragico fim, que estremeceem de horror ao recordar os ignobes banquetes de carne humana.

«Por felicidade em breve irão os missionarios plantar sua tenda n'essas inhospitas selvas e tratar de fazer comprehender a esses miseraveis quanto ha de horrivel em tal procedimento.

«O anno findo foi para nós, não obstante algumas tristezas um anno de bençãos. Quebramos os ferros a mais de 50 creanças, o que vem a dar, com os antigos, o bellissimo numero de 250 orphãos, totalmente a nosso cargo.

«Por desventura, o cofre da missão já toca como um *cymbalo* por exaustão, e, consequentemente, os desditosos escravos que vierem de futuro bater-nos á porta, não poderão ser acolhidos, com grande magua do missionario, se almas generosas imitando o exemplo de V. Ex.^a não adoptam á sua conta

alguns d'estes infelizes desherdados. (1)

«O mais das vezes um escravo resgatado é nada menos que um homem arrebatado á insaciavel gula dos canibaeis, mas sempre a uma vida miseravel e a uma eternidade mais miseravel ainda. O resgate d'um pretinho de 5 a 10 annos varia entre 20 e 30 mil reis, e o d'escravos mais idosos entre 30 e 40 mil.

«Como deixamos exarado, exgotaram-se os nossos recursos, e por cumulo de desventura a fome, e fome tal, que de memoria de homem aqui se viu jamais similhante, assola todo o paiz.

«Rarearam as chuvas e por doze mezes successivos não cessou um sol abrazador de dardejar seus raios n'um sólo adusto. As messes que nasciam seccavam de prompto, e agora, por falta de prevenção, os pretos não teem nada, absolutamente nada, nem em celleiro nem nos campos, e de ha muito experimentam todas as torturas da fome.

«Nós, quinboando-nos bem, vamos nos remediando ainda para alguns mezes. Mas, depois... com mais de 200 creanças sobre os braços que faremos sem o auxilio do céu? E' d'este lado que o porvir nos apparece mais umbroso, pois por desdita a estação calmosa, que principia para não terminar senão em outubro, destroe toda a esperança de novas colheitas.

«Nas minhas excursões apostolicas entre os nossos queridos selvagens, deparei com scenas de lastimoso lucto!

«E' coisa horrorosa a fome!

«Illa infelizes que nem forças teem para ir a floresta em busca de algumas raizes. Nada contudo me causa mais dó que os velhos. Parte-se o coração de vel-os arrastarem-se a custo a alguns metros de sua cabana para buscar com que illudir a fome. As creanças, essas fartam-se de argila (mania, ou antes, molestia nimamente commun em Africa) contrahindo por tal forma enfermidades que cedo as fazem resvalar na vala sepulcral. Anhelavamos alliviar tantas miserias, mas como realisal-o, achando-nos nós mesmos obrigados a

(1) Pode ser que algum de nossos leitores, conhecedor das difficuldades gravissimas em que se encontram os benemeritos missionarios que tam desveladamente lidam a salvar as almas dos infelizes negros das nossas colonias, sinta em si a caridosa inspiração de auxiliar aquelles martyres da regeneração social, e queira ir-lhes ao encontro, ao menos com suas esmolas, quando não possa ser com sua pessoa. Esta redacção pois se promptissima a receber qualquer donativo destinado ao resgate dos pretinhos, que tambem pode ser dirigido ao R.^m Padre Superior do Seminario apostolico das Missões nas colonias portuguezas, annexo ao Collegio do Espirito Santo, em Braga.

tomar com parcimonia a nossa ração diaria?

«Não acaba aqui a enumeração das desgraças.

«Diz o proverbio que «um mal chama por outro».

«Caterva de bandidos, na maior parte Hottentotes, semeou por toda a parte a depredação e a morte. Vieram aquartelar-se ás portas do Jau e, sem o auxilio de N. S.^a das Victorias, a quem a missão é dedicada, talvez houvessem tentado o ataque. Um corpo expedicionario portuguez, organizado á pressa, dispertou essas hordas selvagens.

«Apesar de tantas desgraças o reino de Deus vai ganhando terreno sobre o de Satanaez. O bem faz se com pouca difficuldade porque as creanças, geralmente boas, ainda que não alcancem os altos graus da perfeição, procedem, ao menos, como bons christãos. Instruidos nas verdades da salvação, poderiam fazer córar, em materia doutrinal, a mais d'um burguez da nossa Europa.

«Trilhiam um regulamento simples, adequado porém á sua condição. Uma hora de catecismo por dia, 3 horas de aula em que apreudem a lôr, a contar e tudo o necessario para o bom governo d'uma casa, SEM CONTUDO OS LEVAR A ESSA MEIA SCIENCIA QUE ENSOBERBECE A CABEÇA E MIRRA O CORAÇÃO, é quanto lhes basta. Afóra os estudos, trabalham uns nos campos ou jardins, conforme as aptidões; outros são marceneiros, carpinteiros, pedreiros, ferreiros, tanoeiros, sapateiros, alfaiates, fabricantes de cerveja, typographos, padeiros etc. E' uma sociedade completa com seus directores, sub-directores operarios e manobras; nem sequer falta o guarda campestre. Todos os nossos esforços convergem a tornar estes pequenos selvagens em bons christãos e cidadãos prestimosos á metropole.

«No Jau, a poucas leguas da Iluilla, está uma recente missão onde laboram a dilatar o reino de Deus dois Padres e dois Irmãos. Seis de nossos rapazes mais idosos acabam de terminar a construcção d'uma bella casa, e dentro em poucos dias vel-os-hemos vir buscar na Iluilla, á casa das Irmãs, as que escolheram por esposas, para assim formarem o nucleo de uma aldêa christã, que aos raios da graça divina tornará prompto desenvolvimento.

«Até os selvagens d'este paiz, em extremo guerreiros e ferozes, nos consagram provada alleição; olham-se como nossos filhos, e obedecendo, como o fazem ao primeiro signal do missionario, promettem para o porvir copiosa messe de almas. Seis mezes continuos vieram duzentos d'entre elles ajudar os dois missionarios a lançar os alicerces da missão e uma bella casa de 20 metros de comprido e 12 de largo surgiu

(1) O R.^m Snr. Padre Muraton diz do pequeno José Alfredo, n'uma carta mais recente: «Já sabe o Padre-Nosso, a Ave-Maria, o Credo e os principios do catecismo.»

como por encanto: lá onde só se encontravam abrolhos, agora o pendão da Cruz domina com imperiosa magestade em todos os arredores. Já n'esse paiz se administrou o baptismo a numerosos velhos e creanças em perigo de vida, recompensa por Deus outhorgada a tão dedicados homens.

«Aqui na Iluilla os Valupolos teem em nós tanta confiança como os Vandjaous. Sou eu que tenho a meu cargo evangelisal-os e em minhas excursões apostolicas hei tido muita vez a felicidade de abrir as portas do céu a numerosas creanças e doentes. E' forçoso, porém dizer que os adultos são assaz difíceis de converter: a polygamia, a superstição, os fetiches, e uma despenda indifferença, os impedem ordinariamente de escutar com docilidade a voz da graça.

«Confesso-o: apesar dos soffrimentos, da fadiga e das doenças, sinto-me feliz. Tres annos d'Africa arruinaram uma saude cada dia mais vacillante. Mas não me peza d'isso, pois foi empregada ao Serviço do meu Deus. Abri as portas do céu a alguns miseros negros; nada mais anhele. E se Deus não carcer mais aqui de meus serviços, levar-me-á para si e eu exclamarei trasbordando de alegria: *Fiat voluntas tua.*

Dizei aos jovens sacerdotes que não teem trabalho em suas dioceses que venham, se a Deus apraz, reunir-se conosco. Oh! como seriam bem acceites para tão extensa mêsse.... As obras multiplicam-se cada anno, e por desdita a morte ceifa com não vulgar rapidez. Em menos de dois mezes lá voaram para o céu doze de meus confrades—9 missionarios d'Africa e 3 d'America, todos ainda na flôr dos annos. Mas não nos queixemos: Deus assim o quiz.»

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

77.º

CLXXIII

P. Frederico de Reiffenberg

Um sabio que viveu no tempo da extincção da Companhia de Jesus por Clemente XIV, e que escreveu antes do seu restabelecimento por Pio VII em 1814, diz o seguinte:

«A Ordem dos Jesuitas reinou no Paraguay só pelo ascendente das virtudes e dos talentos, sem nunca se separar da mais humilde submissão á auctoridade legitima, mesmo a mais enganada. Esta Ordem era uma sociedade de homens que, á primeira chama-

da, corriam a sentar-se sobre a palha ao lado dos indigentes, e ao mesmo tempo não se esquivavam ás mais polidas conversações.

Os jesuitas subiam aos pulpitos para fallar com força na presença dos reis, e sabiam manejar o pincel na China, o telescopio nos observatorios, a cithara de Orpheu no meio dos selvagens.

Mas uma conjuração detestavel de ministros perversos, de magistrados delirantes e de sectarios ignobeis conseguiu em nossos dias a destruição d'esta maravilhosa instituição, e a applaudiu.»

São palavras do grande conde de Maistre no seu *Ensaio sobre o principio gerador das constituições.*

D'esta maravilhosa Ordem são innumeraveis os varões notaveis; nós apenas temos apresentado um *specimen*, pois que é quasi impossivel enumeral-os todos, quanto mais biographal-os.

Continuemos.

Apresenta-se-nos agora o P. Frederico de Reiffenberg, doutissimo jesuita allemão, do seculo passado. Nasceu no districto de Treves em 1819, sendo oriundo d'uma familia illustre. Abandonou a grandeza da sua casa, todas as pompas do seculo, para abraçar a pobreza e a humildade na Ordem de Santo Ignacio de Loyola.

Começou logo a distinguir-se por varias peças de litteratura. Depois de estudar theologia em Roma, regressou á Allemanha, onde se applicou a formar na boa latinidade os jovens jesuitas: o P. Reiffenberg era um bom latinista, e n'esta lingua publicou bellissimas poesias.

Falleceu em 1764, deixando muitas obras elementares sobre o latim, sobre theologia, e uma notavel *Apologia da Companhia de Jesus.*

Os inimigos dos jesuitas fazem muitas accusações tanto á instituição como aos seus membros. A tudo, porem, se tem triumphantemente respondido; e os mesmos jesuitas teem sustentado a causa de sua santa mãe contra os calumniadores.

Tomamos o trabalho de contar o numero de jesuitas que escreveram apologias da sua Ordem, em diversas materias: achamos oitenta e oito.

Será suspeito o seu testemunho? Mas, prescindindo d'elle, temos o testemunho de escriptores estranhos á Companhia, muitos até desaffectedos a ella, e até alguns inimigos declarados, mas que em certos momentos não deixaram de prestar homenagem á verdade.

De resto, todos se unem em affirmar que a Companhia de Jesus tem produzido varões famosos, sapientissimos.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

União

ENTRE as varias collectividades que constituem a nação portugueza, uma se destaca nos tempos actuaes a cumprir briosamente sua elevada missão. Quando entre uma indifferença geral, e a par talvez d'alguns lidadores, assás benemeritos, cuja acção se não evidencie, para mais tarde se manifestar virilmente, admira-se a attitude da imprensa catholica, auxiliada por um grupo de portuguezes generosos, apontando unisona e unanime o dever a todos, no louvavel intento de salvar a patria do abysmo fatal a que a impellem.

A hora é propicia. Ha tempo de destruir, ha tempo de edificar: (1) este ultimo tempo sou para o grande povo portuguez, se elle, relembando os feitos que perante as nações o tornaram grande, sentir que agrupado á sombra da cruz, donde lhe veio a nobilitação d'outr'ora, pode expellir de sobre o collo o jugo infame que lhe serve de vilipendio atroz.

A nossa posição soffre talvez confronto com a desastrosa de 1580. Então, a nobreza, ou ficara nos areas d'Africa, ou offerecera os pulsos a Castella, e ao povo, sem chefes, mal era dado influir nos destinos da patria.

O povo ahí o temos pois como então. Não o julgamos com menos brio nem menos força. Se a crença affrouxa nas academias, é ainda vigorosa e refulgente na classe que agricultura o solo e na que especifica o sirgo, o ferro, a prata, o ouro, a lã, o algodão, o cereal, as madeiras, os couros, a cortiça e as pelles.

N'estas duas classes, respeitaveis e numerosas, ha elementos de vida ou de morte segundo a applicação que se lhes der. Ha sessenta annos andam esses elementos preciosos quasi ao sabor da idéa liberal, sem que mais obra nos produzam que lastimosissimas ruinas.

A idéa liberal não salvará a patria. Pol-a á borda da sepultura, e tem ainda assás efficacia para a despenhar dentro.

São, é certo, essas duas classes a pedra sólida para a construcção do edificio da nossa paz e da nossa prosperidade.

Falta-nos tam só o architecto que delinêe o plano d'essa obra gigantesca.

Donde nos virá elle? Os cegos ainda o esperam do liberalismo. E' todavia essa falsa esperança um erro fatal. O liberalismo não edifica. Para edificar importa unir, e o liberalismo desune, estabelecendo a liberdade de cultos, a

(1) Ecclesiast. III.



BALÕES

liberdade de pensamento, a liberdade da imprensa. Para edificar é necessario ordem, e o liberalismo desordena pela pretensão louca de sujeitar a Igreja ao Estado. Para edificar exige-se força e o liberalismo aniquila a força pela secularisação. Em face dos principios liberaes urge que o Estado seja independente da Igreja, e portanto de Deus (1); que a religião se não vá ingerir nas leis; que a administração e a politica não tenham mais norte que o da razão natural; que das escolas seja eliminado o padre, a influencia da familia, o catholicismo, as imagens christãs; que as sciencias se emancipem do sobrenatural; que a moral independente e a religião natural venham substituir os preceitos da Igreja e o culto catholico.

Pode pois o liberalismo dar a força, pode construir? De modo algum. A razão e a fé ha muito nos affirmavam estas verdades, mas importava que a experiencia amarga as tornasse mais penetrantes. Hoje ninguem de boa fé pode esperar algum bem do liberalismo.

Quem pois utilizará em prol da religião e da patria os elementos são do povo portuguez?

Uma verdade pungente surge nos em face d'esta interrogação: E' o esforço empregado pelos socialistas para lhes lançarem a mão cruel!

A imprensa catholica solta continuamente a voz de alerta, apontando o mal gravissimo de que inferna a nação portugueza, mal sobremodo complexo cujas causas fôra longo enumerar, e preceituando o remedio unico donde pode vir a salvação tam desejada mas tam indolentemente procurada.

E' por de mais claro que somente o clero portuguez pode valer á melindrosa situação da nossa patria.

A extrema-unção não é tanta vez a medicina de males corporaes, e não é ao clero que toca applicar este auxilio de tam notavel efficacia?

Nós repetimos: se o clero cumpre o dever, a patria é salva; se o clero o posterga *nulla est redemptio*.

Desde que os nossos abbades e priores frequentarem mais as residencias dos prelados e dos arcepresbiteros que as dos governadores civis e administradores de concelho, epocha de prosperidade é iniciada para este privilegiado paiz, a quem a Providencia ha tido sempre á sua conta e continuará a ter, se as nossas ingratiões a não impellirem a desviar de nós o rosto indignado.

Fala-se por toda a parte em união: pois é necessario que ella rapido pas-

se d'um desejo a um facto: *Res non verba*.

Milhares de corações anseiam pela união, milhares de boccas a reclamam.

Os elementos dispersos eil-os ali estão por todo o paiz: a estola deve e pode aggregal-os para uma vida nova. O *Congresso bracarense*, pela bocca d'um digno Prelado, annunciou publicamente essa vida nova.

Resta-nos operar.

Uma pessoa de prudencia consummada, assás entendida no estudo da indole portugueza dizia nos ha pouco «ser ainda prematuro o appello á união. A lamina do opprobrio lacerou fundamentalmente as carnes sem chegar ainda ao âmago da alma. Só então haverá clamor que repercuta lugubrememente nos quatro rumos do quadrante. Só então esse clamor fará, quem sabe! impallidecer os assassinos d'um povo denodado».

—Mas—objeçamos por nossa parte—esse grito supremo não poderá ser a agonia d'um gigante?

—E' possivel. A historia da Polonia ocorre-me agora como um triste persegio.

Continue pois clamando a imprensa catholica portugueza. Muita vez, no acumen da desgraça ha apenas um balsemo a dulcificar as amarguras: é a recordação de que se cumpriu o dever.

Será pois nosso empenho cuidar de não faltar a elle.

E. I.

Congressos

LEM da recentemente verificada assembleia geral (*Congresso Catholico*) dos Catholicos em Pariz, verificou-se, no mesmo mez (maio de 1892), o *Congresso Catholico de Cherbouurg*, França, presidido por Monseuho Germain, Bispo de *Coutances*; e com a concorrência de 2.000 Congressistas na sala *Ftaux*.

Regosija-se a alma ao vêr, ao ter noticia da actividade que se manifesta em França pela acção dos Catholicos *vivos na Fé!* O combate dos soldados da Igreja contra os inimigos do catholicismo é vivo; isto equivale a annunciar que a Causa Catholica obterá o triumpho.

A *indifferença*, as *apatias*, são inimigas, ou de inimigos não declarados; porém certa a victoria da Justiça, que no mundo seria vencida, se possivel fosse, a não ser a *actividade catholica* na terra sob a benção de Deus.

Temem o combate os que receiam ser vencidos; os Christãos nunca duvidaram do seu triumpho, pois que mesmo no martyrio têm a maior Victoria;

e tanto assim, que cada martyrio produz mais Christãos, como dizia Tertulliano: *O sangue dos Martyres é semente de Christãos!*

Sempre assim foi visto, é-o e ha-de ser, pois que está na Divina Economia, que é procedente da Vontade de Deus! Como poderia consentir O Todo-Poderoso que ficassem vencidos aquelles que padecem e morrem por «Elle»? *Vencidos*, seria como se vencido fôra o Eterno Invencivel, o Senhor das Victorias. Se na Cruz foi vencido *Aquelle que vence*, assim se repete nos que soffrem e dão a vida pelo «Crucificado» e eis a força superior vencedora de todas as forças humanas e do inferno.

Forte é quem pôde morrer! disse um Bispo da França, e bem se intende, é de commentario evidente:—*quem pôde morrer pela Justiça Eterna; quem não poupa para o Triumpho «d'esta» a propria vida, é forte!*

A *força moral* é intangivel, não pôde ser vulnerada nem tocada por todos, reunidas que sejam as forças materiaes; tambem a llistoria escapa ás mãos dos destruidores; uma Fidalga franceza disse aos furibundos de *noventa e tres* em França: «Podereis tomar-me tudo excepto *minha fé e meus antepassados*».

D'esta *tempera* são os que se acham fortes pela *Força Moral!*

Os *Congressos Catholicos* são grandes meios para promover e sustentar a *Força Moral*, que produz os feitos de verdade no serviço dos verdadeiros interesses da causa de Deus, e da subordinada a Esta—a *causa social*. E é por isto que o Papa tem abençoado seus *Congressos* e recommendado a continuação d'estes.

Por Divina Mercê tambem Portugal já pôde avaliar *de visu* a importancia dos *Congressos Catholicos*; e não se julgue que elles têm sido infructiferos em Portugal, ou em parte alguma onde se têm verificado.

Ha gente que só se julgaria ou sentiria satisfeita quando se tivesse obliido logo tudo que está em seu bom programma; a intenção é boa, porém é mister *paciencia*. Esta verdade é *Escada do Céu*; todas as Virtudes para Lá conduzem; ha quem leve uma hora a enfiar uma agulha e ao mesmo tempo é exigente de que tudo o mais seja feito e de repente. O «*Fiat et factum est!*» é propriedade, é attributo de Deus. Os *Congressos Catholicos* são de uma existencia Providencial; têm servido a «*Causa de Deus*,» por um modo especial nas *circumstancias d'estes tempos*.

Laus Deo, Virginique Matri!

Dom Antonio de Almeida.

(1) *Reges et principes ab Ecclesiae jurisdictione eximuntur. Sáb., prop. 54.*

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«*A Infancia* — Caricias de quem pensa e verdades de quem ama, pelo R.^{mo} Dr. José Rodrigues Cosgaya, com permissão do Em.^{mo} Prelado — Preço 200 reis. A venda no PORTO — na administração da *Palavra* e principaes livrarias; em LISBOA — na Livraria Catholica; em BRAGA — na Livraria Escholar; em LAMEGO — na do sr. Manuel d'Azevedo. No collegio da *Formiga* — 25 exemplares custam 4\$000 reis, 50 dictos — 7\$000 reis e 100 dictos 12\$000 reis.

O nome do Auctor, tam conhecido em Portugal, é a melhor recommendação da obra, verdadeiro mimo á infancia, cujos primeiros passos na vida tam pouco se cuida de amparar. Os paes e as mães acumulam venturas para os annos ultimos ensaiando seus filhos na leitura e comprehensão d'aquellas paginas mimosas, dictadas por um sacerdote de reconhecido saber, dedicado ha longos annos a dar o melhor de seu desvelo á educação da infancia.

Agradecemos ao Auctor, amigo nosso entre os que o são mais, o exemplar que nos enviou, e damos parabens aos meninos e meninas portuguezes pelo bem que lhes vemos reservado no manusear d'aquellas paginas.

«*Mysterios da Franc-Maçonaria*, por Leo Taxil. Editor Antonio Dourado — Rua dos Martyres da Liberdade, 113. — PORTO.»

Foram distribuidos os fasciculos 7.^o e 8.^o A versão até aqui feita pelo R.^{mo} Padre Francisco Corrêa Portocarreiro, está actualmente confiada ao Ex.^{mo} Dr. Antonio Corrêa de Menezes, cuja competencia resalta do brilhantismo com que ha pouco findou o curso de Theologia na Universidade de Coimbra, e d'umas estreias litterarias que muito nos fazem esperar d'aquelle superior talento.

Continuamos a recommendar esta obra.

Importa que a eterna calumniadora da Igreja, a maior inimiga do christianismo, seja assás conhecida, para que todo o catholico saiba de quem ha de recear-se. Ainda no congresso geral dos mações, verificado em Paris, em setembro do anno findo, um dos oradores exclamava entre geraes applausos:

«D'onde vem a força a nossos adversarios? De per si, os padres formam uma casta pouco numerosa; são os fleis agrupados em redor do campanario, que pelo numero lhes dão o poder.

«Que vão os fleis procurar ao pé do altar? Os mais fervorosos recebem a

hostia da communhão, outros contentam-se com a confissão uma vez cada anno, e outros não fazem mais que breves aparições na igreja; todos, porém, recebem a agua do Baptismo, todos confirmam a adhesão feita em seu nome aos dogmas da fé, todos trazem a medalha e o escapulario, todos querem ser enterrados com a cruz ao lado.

«Oh! M. Ir. é n'esses exercicios religiosos que a acção do habito se revela com uma energia indiscutivel, e as contas do rosario a passarem entre os dedos, acompanhadas com o *sum-sum* das orações gravam profundamente no cerebro os principios de submissão á igreja romana. E' por esta acção insensivel que quem de primeiro se curva ao jugo dominador do padre, se entrega d'alma e coração ás practicas d'uma religião d'outras eras.

.....
«Já nos temos occupado de semelhante situação e TEMOS PROCURADO FAZER PENETRAR NO POVO OS NOSSOS PRINCIPIOS LIBERAES, CONTRAPOSTOS A ESSA GRANDE SUBMISSÃO AO DOGMA QUE FAZ A FORÇA DO CATHOLICISMO.»

Os mações trabalham com uma actividade maravilhosa. Tendo por fim deschristianisar o mundo coagindo-o a voltar ao paganismo; não ha recurso que não utilizem nem momento que deixem perder na realisação de seu terrivel plano.

A miude nos chega aos ouvidos que Portugal é pouco dominado por esta raça maldita. Quem assim fala jurou bandeiras entre os que teem olhos de ver e não veem. Emquanto os bispos, os parochos e demais clero, não tiverem o respeito que lhes pertence; emquanto as Ordens Religiosas — a mais pura objectivação do ideal evangelico — se não poderem estabelecer sem impedições; em quanto se não dêr á Igreja uma reparação pelos bens que lhe extorquiram; emquanto andar á solta a immoralidade como tendo foros de cidade; emquanto os jornaes e livros impios se diffundiram sem temores da auctoridade; é indiscutivel que Portugal verga universalmente ao peso do jugo maçonico.

Nem cuidem que são mações apenas os que não vão á missa. Ha n'esta classe de gente uma refinação de hypocrisia que illude os mais sagazes. No mesmo congresso a que nos referimos foi apresentada uma carta da maçonaria portugueza que referindo-se aos ultimos momentos do mação José da Silva Carvalho, dizia entre outras bellezas a seguinte:

«N'estes extremos, o doente que tinha pleno conhecimento de seu estado, reclamou os soccorros espirituaes com a coragem e a resignação apenas encontradas em taes circumstancias em

homens verdadeiramente fortes. *Trinta e tantos mações dirigiram-se pois á igreja de Santa Isabel, para acompanhar o viatico!*»

Quantas scenas semelhantes se terão representado em Portugal? Quantos Te-Deums! quantas exequias!

Importa conhecer a maçonaria e, actualmente, quem a não conhece ainda, com tantas obras escriptas a revelarem-lhe as insidias torpes, não é bom soldado de Christo, que aos seus recommenda assidua vigilancia.

Os livros editados pelo snr. Dourado tem logar distincto entre os bons que temos em lingua portugueza.

I. E.

«*Allocução* pronunciada no dia da abertura das aulas do Seminario lyceu de Cabo Verde — Distribuição de premios de distincção aos alumnos a quem o conselho escolar conferiu taes honras — pelo R.^{mo} Vice-Reitor, Francisco Ferreira da Silva, Bacharel em Theologia e Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra — Typographia da «Palavra» — Porto.»

O erudito sacerdote, affirmando a influencia indiscutivel da Igreja no progresso da humanidade, rebate, com admiravel vigor, gratuitos calumniadores e os que julgam historia a falsificação d'ella, exprimindo-se nos termos seguintes:

«Não vem para aqui discutir as opiniões encontradas sobre a apreciação que se tem feito da idade media, apenas referirei o que Napoleão I dizia dos metaphysicos do seculo XVIII, «estes metaphysicos perderam a França»; do mesmo modo podemos ponderar que os encyclopedistas desacreditaram a idade media. Mas não valem rancores e falsas criticas, quando a verdade dos factos estudados na sua filiação e consequencias a derivar se patenteam á luz da observação e chamam para o seu estudo o pensar dos homens que vêm na historia mais alguma coisa que o amontoado dos factos e que os sabem apreciar á luz da philosophia com uma critica conscienciosa e imparcial. Tem-se chamado á idade media, *idade de ferro, de ignorancia, de obscurantismo*, como se não fôra então a epoca de uma verdadeira elaboração scientifica, segundo a escola positivista, ou como a classifica Cesar Cantu, «uma epoca organica, em que a poesia era a religião, em que o pensamento guiava todas as nações; epoca em que se operavam grandes transformações, que produziram a Europa moderna, a Europa christã, a Europa civilisada, com instituições que ainda perduram nos seus principios essenciaes, com as suas instituições politicas, fundamento e gloria das nações modernas» (Cesar Cantu).

«Aos homens livres e escravos succederam os homens pobres e ricos, ao trabalho forçado, o trabalho voluntario. a injustiça, a egualdade civil. Apparece-nos a legislação civil modificada no seu primitivo vigor e deshumanidade a par do direito canonico, que foi um progresso immenso em benignidade e equidade.

«Houve grandes legisladores para aquelle tempo. Teve-os a Inglaterra, a Hungria, a França, a Allemanha. A Italia e Provença redigiram um codigo maritimo que ainda hoje regula o commercio do mundo. Houve violencias; a Egreja teve os seus templos, as suas bibliothecas, os seus mosteiros queimados e os seus monges perseguidos e mortos. Derramou-se sangue, mas em nada pôdem comparar-se estes excessos aos do tempo dos imperadores romanos.

«Meio seculo de paganismo, diz um auctor citado por Cesar Cantu, apresenta excessos em comparação mais espantosos do que se acham em toda a monarchia christã desde que o christianismo reina na terra. Não fallemos dos horrores praticados por Henrique VIII, Izabel e Cromwell na Inglaterra; nas guerras do seculo XVI na França, nos assassinatos juridicos dos ultimos annos do seculo XVIII.

«Ao lado do senhor feudal que derramava ondas de sangue para adquirir alguns palmos de terra, estava a Egreja a divulgar o amor do bem, do saber, da devoção, ensinava a orar, instituia abrigos para os afflictos, asylos para os proscriptos, escolas para os ignorantes. (Cesar Cantu).

«Os bispos eram os mestres dos seus clerigos, estabeleciam escolas archiepiscopales nas localidades mais importantes onde se aprendia grammatica, rhetorica, logica, arithmetica, geometria, musica e astronomia, além das escolas ecclesiasticas primarias, denominadas parochiaes. (Rivaux). No meio das guerras que se travavam impunha a Egreja as treguas, regulava o estabelecimento da paz; aos guerreiros substitua os religiosos, á necessidade do isolamento do senhor appunha a associação dos artistas e ás suas paixões, a moralidade dos conventos. Para segurança nas estradas erige cruces e capellas. Não ha estalagens, abre hospícios e eremitérios; faltam soccorros aos indigentes, distribue sopas ás portas dos conventos; os mercados só são seguros no atrio das egrejas. (Cesar Cantu).

«Com o mesmo cuidado com que o benedictino regava a terra para a fazer produzir, copiava para transmittir á posteridade o que do saber humano escapára á voragem dos incendios.

«Servem para o estado civil os regis-

tros de baptismo, de casamento e obito. Não existem correios e já os religiosos tinham estabelecido communições entre Roma, Islandia e o Cathay. As creanças abandonadas encontram agasalho, a innocencia abrigo e os prisioneiros resgate.

«Têm na idade media um notavel desenvolvimento as sciencias praticas e moraes. Inventam-se os moinhos de vento em 650; os sinos em 655; os orgãos em 657; o uso dos vidros em 662; era conhecida a pressão dos equinocios em 700; a arte de fabricar tapetes em 720; o papel com farrapos em 750; os relógios de roda em 760; as letras de cambio em 750; os algarismos arabes em 790. Mediu-se um gráu do meridiano em 814. Já se sabia que a terra era redonda. Um monge prediz a existencia dos antipodas e um outro a dos aereostatos e do vapor. Destillava-se a aguardente, o espirito de vinho em 824. Gerberto, monge benedictino, mais tarde papa com o nome de Silvestre II em 979 foi grande mathematico e mechanico. As notas da musica datam de 1024; a criação dos bichos de seda, as fabricas de panno de seda, de 1130; a bussola, de 1250; a invenção dos oculos ordinarios e telescopios e da polvorra, de 1278; as armas de fogo, fundição de canhões, das bombas e morteiros, de 1338; a invenção da gravura, de 1410; da pintura a oleo, de 1415; da imprensa com caracteres moveis de 1440.

«Fez-se um automato que abria e fechava as portas; sendo a maior parte d'estas descobertas devidas a ecclesiasticos ou monges. E' na idade media que se fundam as universidades. A de Paris foi fundada em 788.

«Fundaram-se as de Pavia, de Monacia e outras, protegidas pelos papas, pelos bispos e ecclesiasticos de maior nome. Os monges Grimboldo e João são chamados em 888 por Alfredo o Grande, rei d'Inglaterra, para restabelecer os estudos nos seus estados, do mesmo modo que Carlos Magno chamára Alcuin, a quem se attribue a invenção do primeiro relógio. (Rivaux).

«Em 1290 fundava D. Diniz a nossa Universidade em Lisboa, mudada em 1308 para Coimbra, cuja fama foi tão grande e não excedida em creditos por nenhuma outra das mais conhecidas.

«É tudo isto no tempo da barbaria!»

S. Ex.^a prosegue acompanhando os beneficios da Egreja á civilização actual que sem ella era impossível existir, concluindo que o padre, para que sempre seja o melhor obreiro d'ella, tem que firmar-se dentro da linha de respeito e nos limites da disciplina, que só assim pôde ser «o sal da terra, a luz do mundo, a sentinella vigilante

do povo de Israel, evangelizador da palavra de Deus, pastor animado a dar a vida por suas ovelhas.»

A.

SECÇÃO ILLUSTRADA

A descripção das gravuras, fica, por falta de espaço, reservada para o numero seguinte.

RETROSPECTO

Noticias

Irmã Collecta.—O supremo tribunal de justiça, superior ás ameaças ridiculas d'umas cartas anonimas, redigidas pela maçonaria, que tam grave ceulema levantou ácerca do caso das Trinas, *negou*, na sessão de 8 do corrente, *providimento ao recurso do ministerio publico, que pedia a pronuncia da Irmã Piedade e do Dr. Lages, como cumplices, e manda classificar como involuntario o crime de invenenamento.*

Desde fins de julho, (ha quasi um anno!!!) a victima expiatoria da maçonaria portugueza, e a benemerita Congregação a que pertence, sustentam aos labios a taça amarissima de muita calumnia e suez insulto, repleta pelos inimigos declarados da religião catholica. Se pudessem, repetiriam em Portugal a hecatombe de Uganga. As intenções malevolas evidenciaram-se á luz do meio dia n'esta pugna infamissima, inclinada agora em favor da verdade pela decisão do supremo tribunal.

No entanto, ha ainda portuguezes que leem o *Dia*, o *Correio da Noite*, a *Voz Publica*, o *Janeiro*, o *Jornal de Noticias*, o *Lisbonense*, o *Nacional* e o *SE-CULO*—bando numeroso de calumniadores gratuitos!

O Dr. Pinto Coelho esperou pelo seu quasi meio seculo de glorias forenses, para alcançar na defeza da Irmã Collecta a mais notavel de todas. O accusador, o Armelim Junior, o ambicioso de nome, conseguiu quanto desejava. A sua alma pequena asphixiava nos estreitos ambitos da sua obscuridade: quiz luz e obteve-a. Para futuro, Icaro, Bathyllo e Armelim, formam a trindade padroeira dos pretenciosos miseraveis de todos os seculos.

Congratulamo'-nos intimamente de vermos mais uma vez triumphar a verdade, para ó que muito concorreu o singular talento, o character dignissimo do principe dos advogados portuguezes, o dr. Pinto Coelho, lembrado agora PROVIDENCIALMENTE a todos os ca-

tholicos portuguezes para deputado na proxima legislatura. Por isso, como a *Ordem*, valente campeão da causa catholica, cumpre nos clamar a todos os portuguezes:

A' URNA PELO DR. CARLOS ZEFERI NO PINTO COELHO.

* * *

Carnot em Nancy.—A capital da Lorena, toda se enflorou para receber o presidente da republica, a quem os bispos, Mons. Pagis e Turinaz, manifestaram claramente a attitudo dignissima do clero em face da republica. A visita de Nancy teve um episodio inesperado, motivo de serias cogitações para a imprensa e diplomacia allemã: foi a vinda do gran duque Constantino, primo do czar.

A *Libre Parole* afirma ter o czar telegraphado ao embaixador da Russia: *Ide a Nancy certificar ao presidente Carnot que não consinta attentados contra a dignidade da França: a Russia está preparada.* O embaixador respondeu: *Magestade, está em França um membro da familia imperial para transmittir a vossa palavra.* E poucos dias depois o gran-duque sem que ninguém o esperasse entrava em Nancy.

A côrte ingleza e a allemã commettam n'esta occasião o proceder franco da Russia. Não se esqueça porém que as nações, como namorados levianos, tanto fazem um cumprimento como provocam um arrufo.

* * *

Um horror devido aos protestantes.—O reino catholico de Uganã foi, em janeiro ultimo, theatro de carnificina tremenda, promovida pelos protestantes contra os catholicos. A companhia ingleza, alli estabelecida, foi a causadora d'este mal enorme. Milhares de victimas caíram aos tiros das espingardas fornecidas pela companhia. Os ministros protestantes, que por toda a parte levavam a arma da insidia, levam agora tambem as espingardas aperfeiçoadas.

Toda a Europa sensata se acha indignada com um procedimento igual ao empregado, na epocha de seu poder, pelos sectarios de Mafoma contra o povo christão. A republica franceza pediu explicações ao gabinete de S. James, que se escudará para responder na logica da raposa tão usada na sua diplomacia.

Uganã vê hoje tremular as meias luvas, onde ha pouco imperava a Cruz redemptora.

* * *

Primeira Missa.—O sacerdocio catholico enumera hoje em suas fileiras mais um membro que lhe dá muita honra. E' o nosso bom amigo Dr. Luiz Gonzaga d'Azevedo, actualmente Professor das sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego. Celebrou sua primeira Missa no dia 7, na igreja de Nossa Senhora dos Remedios d'aquella cidade.

D'uma familia distincta, onde a virtude e as letras teem honroso feudo, o joven Luiz d'Azevedo, após um curso dos lyceus cheio de distincções e louvores, alistava-se, para comprazer aos seus, em 1885, no 1.º anno da faculdade de Direito, na Universidade de Coimbra. Tinha então 16 annos. Atravez das aridezdas do Waldech, dos sophismas em que lhe involviam a Philo sophia de Direito e dos insultos aos Papas e Jesuitas com que lhe misturavam o Direito patrio, a alma candida do joven academico debatia-se angustiada entre os preceitos paternos, e a selva de impiedades por onde tinha que passar.

Foi um anno de martyrio!

Findo o acto do 1.º anno, voltou o estudante ao seio da familia, a implorar com todas as véras passagem para a Sagrada Theologia, onde a alma se lhe havia de expandir em regiões de todo suas. Conseguindo inclinar só a meio a vontade paterna, matriculou-se em outubro de 86 em Theologia e Direito. Já melhor se lhe achava o coração, mas se a theologia o consolava, o positivismo do 2.º anno de Direito o angustiava. Ao chegar porém janeiro, em premio de seu pedir reverente, obteve permissão de se dar sem estorvo ás delicias do Dannenmayr, do Prunye do Schenk. Concluido o curso, logo foi convidado a tomar assento entre os distinctos cathedraticos do Seminario lamecense, onde apezar do verdor dos annos ha dado provas sobejas de sua muita competencia e pura dedicação.

Na oração ainda poz, por largo tempo, ouvido attento a escutar a voz de Deus, e, como Samuel, quatro vezes talvez, ouviu-se chamar por seu nome para tam só se decidir á palavra veneranda do sacerdote.

E' nosso anhelos pois, que d'elle tambem Deus tenha dicto: *Suscitabo mihi sacerdotem fidelem, qui justa cor meum et animam meam faciet.*

Mil parabens a elle, a seus ditosos paes, aos catholicos em geral.

* * *

Hospicio de Santa Martha.—Tem estado hospedado no Hospicio do Clero, o sr. D. Antonio, bispo de Damão.

* * *

Noticias do Funchal.—A devoção do Mez de Maria foi feita com todo o esplendor na igreja do Collegio, havendo em muitos dias sermão do Ex.º Prelado, R.º Congos Pacheco e Fazenda e R.º Padres Nunes, João Mauricio e Fausto. A parte musical foi executada por parte dos alumnos do Seminario, dirigidos pelo seu digno professor de canto cbão e musica o snr. José Sarmento, que com mestria exerce este cargo. A festa que foi realisada no dia 31, veio coroar esta esplendida devoção, sendo a musica tanto vocal como instrumental executada pela banda regimental de caçadores 12 que tocou, á entrada do Ex.º Prelado na igreja, um hymno dedicado a S. Exc.ª R.ª pelo digno mestre da banda.

Ao evangelho pregou o Ex.º Prelado e de tarde no encerramento pregou o R.º Padre João Mauricio Henriques, capellão de caçadores 12.

Resta agora dizer que esta festa foi feita pela nobre officialidade superior de caçadores 12, que por meio d'estes cultos veiu patentear a sua filial devoção d SS. Virgem e mostrar, como bem disse o Exc.º Prelado, a união e harmonia que ha entre a espada e a Cruz.

A igreja, que foi ornada com o maior esplendor, esteve tanto de manhã como de tarde litteralmente cheia de fleis.

—A mesma devoção do mez de Maria foi feita em muitas outras igrejas da ilha.

—No mez de Junho temos na igreja do extincto convento de Santa Clara a devoção do SS. Coração de Jesus, que ha já muitos annos alli é celebrada.

Ilaverá na mesma igreja duas festas do SS. Coração de Jesus, uma no dia 3 de Julho, dia do encerramento da devoção, e outra no dia proprio, que é mandada celebrar pela Associação Catholica do Funchal.

—No fim do mez de Junho encerraram-se no Seminario os trabalhos escholares, seguindo-se os exames, cujo resultado daremos no proximo mez.

—O lyceu d'esta cidade já encerrou os seus trabalhos no dia 31 de Maio, começando os exames no dia 14 de Junho.

—Na noite de 1 de Maio foram collocadas quatro bombas, duas na entrada do Seminario e duas no Paço episcopal, por debaixo da sala aonde está instalada a Camara ecclesiastica. Felizmente nenhuma d'ellas rebentou; porque, segundo declararam os peritos, era impossivel a explosão por estarem mal construidas. Das duas collocadas no Seminario uma era de polvora ordinaria e não trazia nenhum perigo a sua explosão, porém já não se dava o mesmo com a outra que era de polvora de maior força e por isso produziria gran-

des estragos e talvez mesmo causasse algumas mortes.

Quem será o auctor de semelhante attentado? Apesar de ter sido formado o competente auto no commissariado de policia e ter-se empregado (segundo dizem) todos os esforços por descobri-lo, ainda nada se sabe e d'esta vez acontecerá o mesmo que aconteceu ha dois annos quando lançaram bombas na residencia episcopal da Penha de França.

* * *

Actos do culto.—Foi condigno do mez de Maria o brilhantissimo epilogo que lhe deram o clero e o povo vimaranense. Em extremo activos os naturaes d'esta cidade distinguem-se pelo modo superior por que soem tractar dos interesses temporaes, mas scientes de que ha vida presente e vida futura, não querem ás vantagens do corpo sacrificar os direitos da alma. Quando chega pois o tempo de orar, o tempo de Deus, affluem aos actos do culto com um zelo edificativo. E' que Guimarães é uma cidade viva.

No dia 31 a capellinha de Nossa Senhora de Lourdes era quasi uma miniatura do céu: as flores, as luzes, e as almas nem pareciam de cá. E estas ultimas não eram, isso não. Longe de seu centro, anceavam pelo instante de voarem a elle. Houve alli, de manhã numerosa communhão geral e de tarde consagração á Sanctissima Virgem. Em S. Francisco houve communhão e festa de manhã, consagração á tarde e sermão pelo R.^{mo} Commissario da Ordem. A capella surgiu admiravelmente decorada e o altar da Virgem revelava o puro gosto das benemeritas Irmãs Hospitaleiras, incumbidas da administração d'aquella casa.

A 1 de junho estavam de gallas a igreja da Misericordia e a capella da Ordem de S. Domingos. N'esta pregou o R.^{mo} Padre Ignacio Leva, da

Companhia de Jesus, e n'aquelle o R.^o Borges, abbade de Athey. Em ambos devido ao zelo das Irmãs Hospitaleiras, sobressaiam magestosas, n'uma ornamentação magistralmente disposta, as formosas imagens do Coração de Maria, de Nossa Senhora de Lourdes e Nossa Senhora de La Salle. E diga-se por uma vez que em todas as solemnidades houve communhão de centenaes de pessoas—o acto mais imponente e principalissimo de todas estas homenagens ao Creador.

A Real Collegiada, no dia 2, fez lembrar o esplendor das glorias passadas. A imagem de Maria, tam venerada dos vimaranenses, ostentava-se n'um andor magestoso, com vestes riquissimas e corôa de grande valor. Foi a festividade precedida d'um triduo de Conferencias pelo R.^{mo} Padre Bento José Rodrigues, sendo feita com grande esplendor, a que dava realce notavel a presença dos dignos conegos, seminaristas, Vice-reitor e Prefeitos. A vespersas pregou o talentoso orador, Conego Silva Bacellar, cuja voz é escutada sempre attentamente, pelo talento que manifesta e unção que a acompanha. E' altamente edificativa a muita piedade que estes benemeritos Padres vão zelosamente desinvolvendo n'aquelle formoso templo, hoje centro de fé e de amor, como no melhor periodo dos seculos idos.

A devota igreja das Capuchinhas armou-se tambem em honra da Mãe de Deus. Como um eremiterio á entrada da solidão, chamou alli os fieis a derrear affectos aos pés da Virgem que lh'os recompensa com benções especiaes. Pregou o tam afamado orador portuguez, Frei Manuel das Cinco Chagas, da Ordem Franciscana, sendo penaterr um templosinho pouco espaçoso, que não dava accesso ao diluvio de fieis que affluem ao mago influxo de seu nome.

Assás a dentro no mez de Jesus, na segunda 6, foi em Santo Antonio dos

Capuchos a festa á Virgem Immaculada de Lourdes.

As Irmãs Hospitaleiras, directoras do hospital, presidiram á ornamentação, compondo o altar com tam artistica graça que parecia obra de fadas. Enlevava quedar-se na contemplação d'uma catadupa de rosas, tendo ao centro a imagem formosissima da augusta Rainha d'ellas, com sorriso tam affavel, que, embora imagem, parecia distinguir singularmente dos demais este dia de jubilo e de gallas.

Orou com eloquencia admiravel o R.^{mo} D. José de Sancta Escholastica, natural do Rio de Janeiro, digno Superior da Congregação Benedictina, estabelecida na freguezia de Roriz, concelho de Santo Thyrsso, por auxilio magnanimo da virtuosa familia Gouvêa Azevedo. A musica, a orgão, produzia um effeito maravilhoso.

Nas sociedades actuaes ha uma infermidade perigosa. «A fé, disse ha pouco um de nossos mais illustres preladados, vai-se amortecendo e extinguindo em innumeraveis espiritos; a descrença vai atrophiando e destruindo o sentimento religioso nas gerações; a irreligião vai pervertendo e cancerando individuos, familias e povos; vai fazendo retrogradar a humanidade até ás torpezas e abominações do paganismo; vai suffocando todas as aspirações nobres, todos os affectos generosos, todos os impulsos legitimos, puros e sanctos do coração; vai materializando e embrutecendo os homens... ora o bom povo de Guimarães, dando-se fervorosamente á frequencia dos sacramentos, ás demais consoladoras funcções do culto divino, toma antidoto famoso contra esses males todos, que ameaçam de ruina fatal as nações contemporaneas.

Correm de presente animados os exercicios do mez de Jesus na igreja de S. Domingos, dos quaes falaremos mais tarde.

Junho—12.

D.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1\$000 reis—Estados da India, China, e America, 1\$220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meo anno.

O anno começa no 1.º sabbado de Janeiro

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a Manuel Maria Fructuoso—Correio de NEGRELLOS (Concelho de SANCTO THYRSO)

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.